

ANÁLISE ECOSISTÊMICA DO CONTO *O MENINO EM FUGA*, DE ANATOLE RAMOS:

MITIGAÇÃO DE CULPA E A DESLIGITIMAÇÃO DO OUTRO

ECOSYSTEM ANALYSIS OF THE TALE *O MENINO EM FUGA*, BY ANATOLE RAMOS:

MITIGATION OF GUILT AND THE DISLIGITIMATION OF THE OTHER

ANÁLISIS ECOSISTÉMICO DE LO CUENTO *O MENINO EM FUGA*, POR ANATOLE RAMOS:

MITIGACIÓN DE LA CULPA Y DESLIGITIMACIÓN DEL OTRO

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p169-186

**Jorge Lucas Marcelo dos Santos do Couto¹
Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto²**

Resumo: Neste texto, realizamos um estudo ecossistêmico do conto *O menino em fuga*, de Anatole Ramos (1992), a partir de uma concepção de língua(gem) enquanto interação dentro do ecossistema linguístico. Com este direcionamento, buscamos compreender, discursivamente, como ocorre a mitigação de culpa e a deslegitimação do outro nas situações em que o silêncio foi constitutivo das inter-relações ecossistêmicas entre as personagens da narrativa selecionada. Nessa empreitada, além da ecometodologia aplicada junto as bases teóricas da Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE), optamos por tratar os dados encontrados pela teoria antropologia do imaginário, pois, para Durand (2012), a força das imagens simbólicas revela as angústias da alma.

Palavras-chave: ADE; literatura; Anatole Ramos; violência; silêncio.

Abstract: In this text, we carry out an ecosystem study of the short story *O Menino em fuga*, by Anatole Ramos (1992), from a conception of language (gem) as an interaction within the linguistic ecosystem. With this direction, we seek to understand, discursively, how the mitigation of guilt and the de-legitimation of the other occur in situations where silence was constitutive of the ecosystem interrelations between the characters of the selected narrative. In this endeavor, in addition to the ecomethodology applied to the theoretical bases of Ecosystem Discourse Analysis (ADE), we chose to treat the data found by the anthropology of the imaginary theory, as, for Durand (2012), the strength of symbolic images reveals the soul's anguish.

Keywords: ADE; literature; Anatole Ramos; violence; silence.

¹ Doutorando em Letras e Linguística UFG. Mestre de Educação, Linguagem e Tecnologias pela UEG. Graduado em Pedagogia e Letras pela UFG. É bolsista CAPES. E-mail: jorgelucas@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9723-4326>

² Professora Associada da Universidade Federal de Goiás. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Estuda Análise do Discurso, Ecolinguística, Linguística Ecossistêmica, Análise do Discurso Ecológica, Antropologia do Imaginário. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3780-5729>

Resumen: En este texto realizamos un estudio ecosistémico del cuento *O menino em fuga*, de Anatole Ramos (1992), desde una concepción del lenguaje (gema) como una interacción dentro del ecosistema lingüístico. Con esta dirección, buscamos comprender, discursivamente, cómo la mitigación de la culpa y la deslegitimación del otro se dan en situaciones donde el silencio fue constitutivo de las interrelaciones del ecosistema entre los personajes de la narrativa seleccionada. En este empeño, además de la ecometodología aplicada a las bases teóricas del Análisis del Discurso de Ecosistemas (ADE), optamos por tratar los datos encontrados por la antropología de la teoría imaginaria, como, para Durand (2012), la fuerza de las imágenes simbólicas revela la angustia del alma.

Palabras clave: ADE; literatura; Anatole Ramos; violencia; silencio.

Introdução

A parceria entre linguística e literatura é uma investida que encontra no âmbito dos estudos da linguagem um terreno fecundo. Neste texto, vamos percorrer esse solo seguindo as vias abertas pelos estudos da Ecolinguística e da Análise Análise do Discurso Ecosistêmica. Sabemos de antemão que “o texto literário não é produto direto de uma ecologia da interação comunicativa (EIC) prototípica”, entretanto, ele permite ao analista do discurso ecosistémico considerar o “momento da produção e o da transmissão/recepção da mensagem” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 61), além de produzir sentido a partir das relações interacionais que se desenvolvem no interior do texto-discurso.

Por meio dos textos literários, vários temas são tratados para além de sua literariedade. Sobre isso, Couto e Fernandes (2021, p. 16) argumentam que a ADE procura “discutir temas que levem em conta os valores sócio-históricos e psicológicos em sua relação com a base físico-natural bem como com a Ecosofia”, sendo esta compreendida como “uma nova maneira de ver o mundo e de entender a relação entre os humanos com eles mesmos e com a natureza” (p.8), sob o princípio da preservação da vida. Neste trabalho, portanto, o objeto de enunciação que tomamos para análise é o conto “O menino em fuga”, de Anatole Ramos (1992).

É nosso interesse circunscrever a violência contida no conto de Ramos às situações em que o silêncio foi constitutivo das inter-relações ecosistêmicas entre as personagens da narrativa. Ao sofrerem com essa carga de violência, além das marcas corporais resultantes de surras e outras agressões, as personagens estão imersas em toda sorte de violações que tentam macular a sua imagem, pois são reponsabilizadas por todo o inferno das relações ecosistêmicas. Essa tensão permeia toda a trama da narrativa e permite-nos recuperar seu sentido por meio do ecossistema de sua ocorrência.

Ademais, em sintonia com Brait (2010), reiteramos que os textos literários não devem

ser encarados puramente como ficção, considerando que são produzidos por pessoas reais e, nessa medida, como afirma a autora, narrativas literárias são uma espécie de gravação de enunciados construídos, trocados, ouvidos e, por que não dizer, vividos no mundo real. Uma preocupação similar nos guia na análise do conto de Anatole Ramos: até que ponto suas personagens sofrem com o silêncio constitutivo de suas inter-relações ecossistêmicas?

Sobre a questão do silêncio, Orlandi (2002, p.50) diz que “pensar o silêncio é pensar a solidão do sujeito em face dos sentidos, ou melhor, é pensar a história agonizante do sujeito em face dos sentidos”, ou seja, o silêncio não se restringe à inexistência de palavras, ele é uma presença que, entre outros fatores, permite as inter-relações entre os sujeitos (as personagens) significarem, até por que “o silêncio não fala: ele significa” (p. 44). Em relação ao texto literário, é sabido que a linguagem dispõe de recursos para que a comunicação se realize. Desse forma, o silêncio, assim como as palavras, insere-se nesse campo como elemento de significação.

Nessa perspectiva, o silêncio passa a ser constitutivo da produção de sentido não só daqueles que não falam, mas também das diferentes interações entre as personagens no conto de Ramos, no ambiente ficcional do texto-discurso. Em sua obra, o silêncio do menino, além da escassez de diálogo da mãe e das outras personagens, testemunha a carga de sofrimento e de violência presente na narrativa. Portanto, buscaremos compreender, discursivamente, como ocorre a mitigação de culpa e a deslegitimação do outro nas situações em que o silêncio foi constitutivo das inter-relações ecossistêmicas entre as personagens por meio da enunciação literária que permite ao discurso significar ecossistemecamente.

Para tanto, este trabalho se divide em três partes, além da introdução e das considerações finais. Na primeira, delineamos as principais contribuições da ecolinguística à análise do discurso ecossistêmica; depois, na segunda parte, apresentamos, rapidamente, as bases da ecopedagogia e dos conceitos e categorias de análises consideradas para este estudo e, por fim, na terceira parte, demonstramos a aplicação dos conceitos da ADE na análise do conto “O menino em fuga”, de Anatole Ramos (1992).

1 Análise do Discurso Ecossistêmica

Ao discutir a relação entre língua e meio ambiente na produção de sentido, os postulados da Linguística Ecossistêmica (LE), uma vertente da Ecolinguística, são valiosos. No campo dos estudos linguísticos, Couto (2015, p. 48) diz que, na LE, “a língua é interação, e essa interação se dá no seio do ecossistema linguístico”. Partindo dessa premissa, a análise

do discurso ecossistêmica (ADE) objetiva descrever e analisar a produção de sentido dos discursos que circulam em sociedade.

Para tal, esta nova abordagem do texto-discurso parte das contribuições da ecoética, sendo esta pensada a partir de um estado de comunhão entre os participantes da interação comunicativa; do holismo, que se refere ao estudo integral de certo ecossistema; da interação, sendo esta responsável por demonstrar as relações e interrelações que ocorrem no interior de um ecossistema; ecoideologia, que concede ao analista ver os discursos do ponto de vista da ideologia da vida (VEM). Portanto, a Ecologia Profunda, de Arne Naess, além das afinidades filosóficas da ADE com o Hinduísmo, o Budismo e o Taoísmo, são pontos de apoio de nossos reflexões.

Ademais, ao assumirmos a VEM, partimos do “princípio de que se deve olhar para o mundo a partir de um ponto de vista ecológico”, bem como assumimos que “a busca contínua pela harmonização como um modo de manter a vida, preservar o ecossistema e diminuir o sofrimento quando possível” (SILVA, 2016, p. 93) será contemplada, como também intentaremos prescrever as atitudes que possam reconfigurar a homeostase do ecossistema analisado.

Couto e Fernandes (2021) destacam um dos princípios do paradigma ecológico defendido pela ADE: o da preservação da vida, sendo esta não só a vida humana, mas a vida de todos os seres vivos, o que inclui a flora e a fauna, ou seja, a natureza e o homem estão no mesmo nível de importância. Para mais, as autoras nos fornecem um arcabouço teórico cujo objetivo fora discutir a parte prática da ADE, além de nos levar a refletir sobre como vários fatores ecológicos moldam os discursos em sociedade pelo intermédio da linguagem. Para elas (2021), o “ser humano é apenas um dos constituintes do meio ambiente, um ser microcômico que, na relação com todos os outros seres, integra o macrocosmo” (p. 8).

Couto e Fernandes (2021) sintetizam as descobertas e os avanços da LE. Elas reiteram que, na Linguística Ecossistêmica, “a língua é vista como interação verbal, ou interação comunicativa, dentro do ecossistema linguístico” (p.11). Nesse sentido, suas contribuições teóricas e metodológicas possibilitam estudos que tratam, mediante a noção de Ecologia, de diversos fenômenos da linguagem, sendo estes encarados tanto pela exterioridade da linguagem ou exoecologia linguística, quanto de sua endoecologia, ou seja, de seus elementos estruturais, sem deixar de considerá-la em sua integralidade, de forma holística. Portanto, a “Linguística Ecossistêmica é uma maneira de fazer Ecolinguística partindo de dentro da Ecologia, não de fora, simplesmente porque LE é parte da Ecologia” (p. 11).

O ecossistema integral da língua é composto pela interação entre povo (P), território (T) e língua (L). Para além disso, a existência de L é subordinada a um P, cujos integrantes compartilham do mesmo T (COUTO, 2016). Esta configuração representa o ecossistema integral da língua. Dessa forma, para melhor compreensão disso, três subecossistemas foram delimitados: ecossistema natural da língua; ecossistema social da língua, e o ecossistema mental da língua, sendo, para ADE, “importante distinguir os desequilíbrios que podem surgir nos ecossistemas natural, mental e social” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 20).

Para explicar melhor tudo isso, recorreremos aos escritos sobre ADE. Sob essa perspectiva, o ecossistema natural da língua “é constituído por um povo (P), convivendo em determinado lugar ou território (T) e interagindo por meio de sua língua (L)” (COUTO, 2015, p. 57), ou seja, são as cidades, os espaços e meios ambientes naturais nos quais o ser humano mantém suas interações. Por sua vez, o ecossistema mental refere-se às “inter-relações da língua no interior” do cérebro humano cujas “conexões entre os neurônios, mais especificamente, nas sinapses entre dendritos e axônios. Essas interações são o cérebro em funcionamento, e o cérebro em funcionamento é a mente” (COUTO, 2015, p. 57). Finalmente, o ecossistema social é constituído por Sujeitos “como seres que interagem num meio social, envolvidos nos diversos papéis sociais, cujas interações constituem a linguagem [...] como fenômeno social e histórico” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 12). Sobre isso, Couto (2016, p. 226) diz que “as interrelações da língua no interior de cérebros se dão nas conexões entre os neurônios, mais especificamente, nas sinapses entre dendritos e axônios”. Portanto, com outras palavras, reiteremos que P refere-se às conexões intraneurais; T, ao cérebro, e L, ao sistema da língua, além do léxico e da gramática.

A partir desses apontamentos teóricos, observamos, no conto de Ramos, que as interações se materializam, na generalidade, de forma intraespecíficas desarmônicas, pois o silêncio é a configuração inicial do desequilíbrio entre as personagens e suas ações e interações, tornando-se, então, uma ameaça ao equilíbrio e à harmonia dos ecossistemas natural, mental e social entre os integrantes do meio ambiente ficcional, até porque, quando o direito à fala, à palavra e à interação não é compartilhado, o a angústia do outro é potencializada, levando à sua deslegitimação.

Para Durand, o imaginário é constitutivo de todas as formulações do homem em relação à angústia, pois a passagem do tempo lhe assombra, além da certeza da morte. Ou seja, “o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana” (DURAND, 2001, p. 41), e é, por meio dele, possível operacionalizar as imagens

produzidas pela imaginação, cujas constelações simbólicas deixam entrever diversas representações temáticas por meio do imaginário.

Sob essa perspectiva, acreditamos que a narrativa de Ramos nos convida a refletir sobre as angústias que afligem a alma de suas personagens. Com isso, constatamos que a narrativa foi construída tendo como base a linguagem literária, o discurso literário, a imaginação, além de seus símbolos e imagens que reiteram o tema e as discursividades da violência, uma vez que a imaginação “é responsável pelo equilíbrio psíquico, sociológico e biológico do indivíduo, pois permite entender e explicar o mundo através da escolha e combinação de determinadas imagens” (STRÔNGOLI, 1994, p. 263).

Em relação ao conceito de imagem, baseando-se Durand, Strôngoli explica que ela pode ser compreendida como um significante, no caso do texto de Ramos, significante linguístico, o qual projeta sua significação e seus sentidos a partir de estruturas figurativas, sendo estas, aqui entendidas, como “um espaço mental, um campo, ou uma forma oca que será preenchida pela figuração de imagens/símbolos segundo o trajeto do imaginário de cada indivíduo” (STRÔNGOLI, 1994, p. 266).

Nessa empreitada, Durnd sistematizou suas descobertas e propôs, como recurso metodológico, a separação das imagens simbólicas em dois regimes (constelações): o diurno e o noturno, podendo ser sintetizados da seguinte maneira: a) O regime diurno está ligado à noção de verticalidade, compreendendo os símbolos teriomórficos (relativos à animalidade), nictomórficos (relativos à noite) e catamórficos (relativos à queda), além dos símbolos ascensionais (elevação), os espetaculares (relativos à visão) e os diairéticos (símbolos da divisão); e b) O regime noturno liga-se ao sentido de fusão e de harmonização, e contém as imagens de intimidade, de calor, de alimento ou de substância, dos símbolos da inversão, da intimidade e os míticos, bem como os símbolos cíclicos, do esquema rítmico ao mito do progresso. Contudo, para esta pesquisa, privilegiaremos as imagens do regime diurno, pois são elas que revelam a força da angústia do destino, da passagem do tempo, do medo da morte e do sofrimento.

2 Ecometodologia

Ao inserir o texto literário de Ramos no campo teórico da ADE, é recomendado ao analista do discurso ecossistêmico fazer uso da ecomotodologia, sendo esta multimetodológica e multetéorica. Sobre isso, para Silva e Couto (2015, p. 147), “ao se olhar para as inter-relações no interior de um determinado ecossistema fundamental da língua,

o pesquisador deve sempre estar atento ao fato de que essas inter-relações se dão em três níveis que se complementam e fazem ressoar os seus efeitos uns sobre os outros, sendo esses três níveis as inter-relações naturais, mentais e sociais”. Considerando esta premissa, seguiremos os seguintes passos da ecometodologia para os textos literários: 1. a descrição do ecossistema ficcional do conto; 2. a aplicação das categorias de análise selecionadas; 3. a exposição das formas do silêncio encontradas e da carga simbólica do que representam; por fim, 4. análise escrita do texto.

Numa tentativa de buscar coerência com os pressupostos metodológicos, este trabalho estabeleceu como principal foco o estudo do tema da violência, do silêncio e da deslegitimação do outro. Portanto, delimitamos as seguintes categorias de análise: 1. Ecossistema; 2. Interação ou inter-relações (intraespecíficas ou interespecíficas); 3. Harmonia (e desarmonia), e 4. As formas do silêncio e as imagens simbólicas cuja carga simbólica é significativa. Destacamos que as categoria são elementos para discussão do texto-discurso. Além disso, ligados à ideologia da vida, com a ADE, buscamos pela defesa da vida, da lutar contra o sofrimento evitável (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 22), pelo compreensão das angústias e dores da alma. Para as análises, tratamos holisticamente os dados obtidos com os dois conjuntos teóricos já mencionados.

A categoria “ecossistema” é o conceito central da Ecologia. Para a LE, esse conceito também é importante. Nesse sentido, a Linguística Ecológica e a Análise do Discurso Ecológico “procuram observar as inter-relações possíveis geradas na relação complexa entre uma população (P), num determinado território (T), por meio de uma língua (L)” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 22). A categoria “interação ou inter-relações” está relacionada à ecologia da interação comunicativa, “da qual o texto-discurso faz parte, mesmo quando os interlocutores são escritor e leitor” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 22). E com a categoria “harmonia (e desarmonia)”, é possível “analisar as rupturas de harmonia na dinâmica das relações dos humanos em seu habitat”. Por fim, sob a ideologia da vida, intentamos, como analistas do discurso ecológico, defender a vida e contrapor-se à “violência e sofrimento evitáveis, o que a leva a favorecer o equilíbrio e a harmonia” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 18).

Essas categorias e conceitos permitem indentificar, formalizar e analisar as relações interacionais que sustentam o funcionamento da língua no texto-discurso “O menino em fuga”, de Anatole Ramos (1992). Com isso, conseguiremos classificar essas relações como harmônicas e/ou desarmônicas. Para tanto, iremos do “todo” do texto para as suas “partes”,

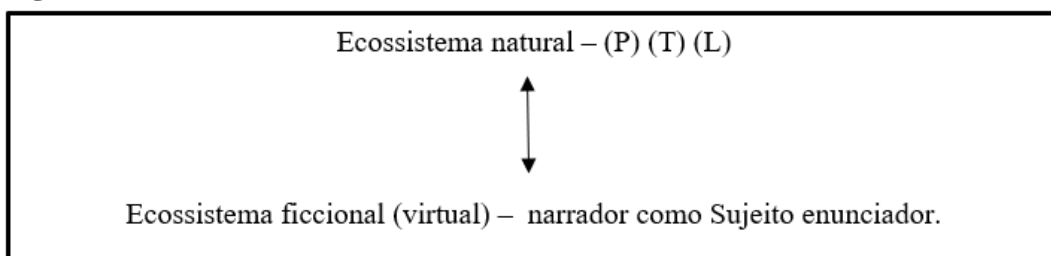
pois, na análise ecossistêmica do discurso, como ocorre na mecânica quântica, “é o todo que determina o comportamento das partes” (CAPRA, 2002, p. 81), ou seja, olharemos a narrativa holisticamente, para, depois, nos atermos aos acontecimentos mais específicos, que, certamente, possibilitarão a conclusão de nossas análises.

3 Análise do conto de Anatole Ramos: mitigação de culpa e a deslegitimação do outro

Na perspectiva da ADE, a enunciação literária, cujos enunciados criam contextos ecossistêmicos que “partilham sentidos numa inter-relação virtual” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 62), possibilita sua análise por meio de sua produção e recepção. Anatole Ramos (1992), considerando o exposto até aqui, desenvolve o tema da violência, além de expressar seus valores e sua percepção do mundo.

Ao destapar os acontecimentos do conto, o autor mobiliza as palavras para (re)criar seu enredo ficcional, sendo este percebido por seus leitores como um ambiente virtual, desenvolvido no ecossistema mental do sujeito-autor, ademais, esse “sujeito em seus meandros mentais recria todo um universo virtual de ecossistemas, dirigindo-se a um outro leitor-interlocutor” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 62). Entendemos, a partir disso, que um ecossistema real é parte da narrativa ficcional, “como se fosse uma tela, um quadro, uma cena com seus próprios ecossistemas virtuais que têm ligação com o mundo real, mas pertencem a um quadro ficcional” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 62). Vejamos:

Figura 1: Ecossistema natural e ficcional



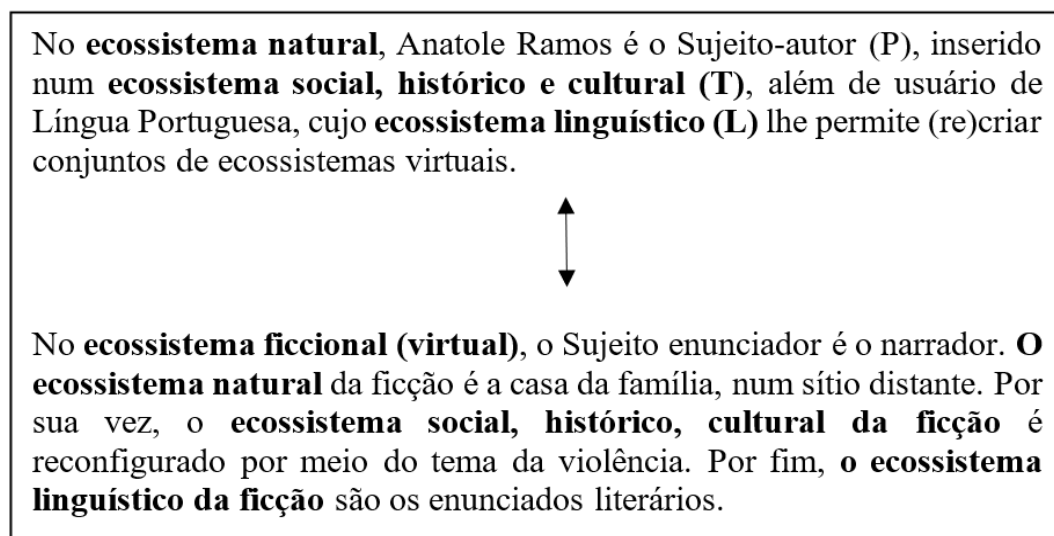
Fonte: adaptado de Couto e Fernandes (2021, p. 62).

Na figura 1, o ecossistema físico natural permite ao autor desenvolver sua narrativa literária. Essa narrativa, por sua vez, possui um ecossistema ficcional (virtual), com um narrador que se dispõe a contar-nos sua história, sendo responsável por ela. Sobre o gênero conto, Massaud Moisés (1974) diz que um só conflito ou uma única célula dramática marca sua diferença entre os outros gêneros literários. No conto de Ramos, o conflito é simbolizado

pelo desejo de fuga do menino, que, após várias tentativas, é concretizado.

Para Carlos Reis (2018), no campo dos estudos narrativos, além dessa caracterização do conto feita por Massaud Moisés (1974), “incluindo o princípio da concentração semântica e discursiva que nele vigora” (p. 67), esse gênero é provido de categorias composicionais (ação, personagem e tempo) que favorecem “a rápida captação da atenção do leitor”. Ou seja, interações constantes entre autor, obra e leitor justificam sua escolha como objeto de análise ecossistêmica.

Figura 2: Ecossistema natural e ficcional do conto de Ramos



Fonte: adaptado de Couto e Fernandes (2021, p. 62).

No conto de Ramos, o narrador mobiliza as personagens do meio ficcional, são elas: o menino, o pai e a mãe. Com isso, há vários níveis de interação, a saber: “a interação entre autor e narrador que conta a história; a interação entre narrador e personagens; a interação dos personagens entre si; a interação entre autor e público-leitor” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 62). Ao longo desta análise, privilegiaremos as interações que se encaixam nas categorias da ADE selecionadas anteriormente, buscando compreender seus aspectos ecossistêmicos.

Em relação ao todo do texto, na narrativa de Ramos, (P) se refere aos sujeitos em interação: interação do menino com o pai; interação entre o narrador e os acontecimentos narrados; interação entre a mãe e o menino, e interação entre o pai e sua esposa. Essas interações acontecem na casa da família (T), tudo isso exposto mediante a linguagem (L). Assim, a tríade evidencia as interações ecossistêmicas e direciona nossa análise.

O menino em fuga, também título do conto, é um personagem que não diz uma só palavra, mas ouve, constantemente, o seu pai dizer: “ – chora, cão”, “ – chora, diabo”

(RAMOS, 1992, p. 274 e 275). Ao ouvir as falas do pai, considerando que todo ser vivo está sempre à procura da própria sobrevivência e bem-estar, é potencializado por meio de uma mescla de outros sentimentos, como dor e sofrimento. Para Fernandes (2021, p. 47), fundamentado em Couto (2013), o sofrimento pode ocorrer nas três dimensões: natural (físico); mental, e social.

Como protagonista, o menino “apresenta as inconveniências da dor, do sofrimento, do medo, da ansiedade, da angústia, da fobia, do pavor e do pânico, entre outros” (FERNANDES, 2021, p. 47). Considerando esta ideia, lembramos de que a palavra “protagonista” significa, dadas suas raízes etimológicas, “aquele que luta”. Portanto, estamos diante de uma luta silenciosa, que, na relação com o seu meio ambiente, é o que lhe favorece, pois sua “causa é vista em um contexto muito maior, holisticamente” (FERNANDES, 2021, p. 51).

Um olhar atento à narrativa de Ramos nos fez perceber que o nome do menino protagonista não é citado do início ao fim da narrativa. Com esse dado, inferimos que a não divulgação de seu nome instala a primeira ausência do conto, algo similar a que trataremos como silêncio constitutivo, ou seja, estamos diante do primeiro indicativo de um ser deslegitimado, uma vez que “os nomes são elementos da língua” e se “vinculam a seus objetos para cumprirem a função de estar por eles nas sentenças” (BRITO, 2003, p. 24 e 37) de natureza linguística. Além disso, nomes próprios instabelecem identidades, subjetividades, correspondendo ao fato do *outro* existir, estar presente e ser diferente. Com respeito a isso, todas as ausências e os silêncios encontrados na narrativa nos fazem interrogar sua narratividade em face dos sentidos que emanam de suas inter-relações ecossistêmicas.

Como vimos até aqui, a narrativa de Ramos é construída a partir do movimento de fuga do menino protagonista, que deseja escapar da violência sofrida dentro de casa, figura que impõe os limites de uma prisão à que ele está submetido. Desse modo, o sentido dessa figura é atualizado por sua vivência e por suas experiências naquele lugar de violência paterna, pois “jamais chorara nem se arrependera das suas fugas que terminavam sempre em volta para a casa” (RAMOS, 1992, p. 274). A fuga, portanto, surge como uma ruptura da violência sofrida, pela qual se torna possível narrar a história desse menino e denunciar seu sofrimento.

Além disso, não é dito também o nome do lugar ou da região em que a família reside, apenas uma referência a um sítio próximo a uma estrada de ferro que, por meio dela, ele “chegaria ao rio, por cuja margem seguiria rumo ao sul, caminhada que levaria dias para

encontrar uma cidade qualquer” (RAMOS, 1992, p. 274). Inferimos, portanto, tratar-se de mais uma ausência da narrativa, cujo sentido está associado a um tipo de abordagem sem qualquer outro compromisso com esse espaço de moradia, pois o silêncio é novamente constitutivo desse lugar, ou seja, estamos diante de um Território sem movimentação e agitação social. Silenciado.

O tempo da narrativa, ou melhor, a cronologia dos fatos é pretérita. Benveniste (*apud* FIORIN, 2010, p.142) mostra que o tempo linguístico deve ser associado ao momento da fala, cuja temporalidade é produzida na e pela enunciação, sendo ordenada no texto-discurso. Dessa forma, na narrativa de Ramos, os principais verbos estão no pretérito mais-que-perfeito. Essa opção narratológica evidencia um fio que liga os acontecimentos narrados às diversas formas do silêncio impostas que sempre estiveram presentes nas vivências das personagens.

Em relação às personagens, a narrativa não se atém às suas características físicas, mas é possível inferir como elas são a partir de algumas passagens do texto. O pai do menino é descrito com “tirânico e impetuoso” (RAMOS, 1992, p. 274), feito “cólera”. Nessa parte, conhecemos a força da brutalidade desse homem. O menino é tratado como alguém que “sentia medo, muito medo daquele homem que era o seu pai” (RAMOS, 1992, p. 275). A mãe do menino, por sua vez, é tratada como “uma criatura sem vontade, sempre chorosa, sofredora, fraca”, ou seja, “peça de fogão” (RAMOS, 1992, p. 275). Como figura feminina, “sem coragem para enfrentar a brutalidade” (RAMOS, 1992, p. 273) de seu esposo, ela não podia intervir na imposição violenta do “tirano que governava a casa” (RAMOS, 1992, p. 275). Logo, o silêncio da indiferença passa a significar que não há um outro Sujeito cujo intento seja inibir a violência do pai do menino.

Em relação à personagem mãe, seu silêncio é ainda mais brutal. Seu marido não lhe permite dizer muita coisa, apenas usa a sua voz para lamentações e mazelas familiares. Sobre isso, Michelle Perrot diz que o “silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. [...] Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como água de uma inesgotável dor. (PERROT, 2005, p. 09). Portanto, podemos levantar a hipótese de que essa mulher também é vítima de seu marido, e seu corpo pertence a ele, assim como “o corpo das mulheres não lhes pertence. Na família, ele pertence a seu marido que deve ‘possuí-lo’ com sua potência viril. Mais tarde, a seus filhos, que as absorvem inteiramente” (PERROT, 2005, p. 447). Isso é angustiante para todos os Sujeito desse ecossistema.

De forma mais específica, no início da narrativa, “o menino estava assustado”

(RAMOS, 1992, p. 273), longe de casa, em fuga. O adjetivo *assustado*, nesse contexto, expressa o medo constante da personagem principal em relação aos seus últimos acontecimentos. Em seguida, o narrador diz que “o que era importante, mesmo, era a sua imobilidade” (RAMOS, 1992, p. 273). O substantivo *imobilidade*, por sua vez, sugere ausência de algo, seja movimento físico ou não, o que culminará na privação de voz, da fala, ou seja, no silêncio que se constitui no medo, na angústica e na violência sofrida pelo menino. Já em relação ao seu pai, “o silêncio poderia ser denunciador do seu afastamento [...] mas também seria um indício de que ele apenas o tocaiva”, buscando pelo “menor sinal do animal procurado” (RAMOS, 1992, p. 274).

Ao observarmos a progressão dos acontecimentos narrados, tomamos conhecimento de que o menino “já fizera muitas outras tentativas, falhara em todas e por todas recebera o castigo cruel de chibatadas vibradas com raiva” (RAMOS, 1992, p. 273). Nessa passagem do texto, o substantivo *castigo*, ao lado do adjetivo *cruel*, evidencia o selo da brutalidade de seu pai, além de ser conotativo de retribuição negativa da insubordinação do outro, da virilidade masculina e da autoridade paterna.

Ao longo das agressões físicas, “o pulso do homem que era o seu pai pesava na medida em que verificava que ele não chorava, não implorava perdão” (RAMOS, 1992, p. 273). Aqui, observamos que o menino não se rende, impondo-se aos desejos de seu pai. O verbo *implorar*, por exemplo, retoma a figura do pai, símbolo de dominação, figura inibidora (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020), daquele que busca subserviência de seu filho, pois seu papel social induz a mitigação de sua culpa. O silêncio, no conto, se manifesta na inexistência do choro do menino. Tal aspecto merece destaque, pois revela um silêncio diferente, contraditório e ambíguo, significando força, insubmissão, além de projetar sentidos para impedir outros, como, arrependimento e inferioridade.

Ainda sobre isso, como se não bastasse toda sorte de violência, o menino “procurava proteger as partes delicadas entre as pernas com as mãos crispadas, mas não se movia, não desfitava aquele rosto onde a tempestade do mal surgia em forma de caretas hediondas” (RAMOS, 1992, p. 274). O substantivo *tempestade*, com a locução adjetiva *do mal*, aponta a figura impetuosa daquele que leva sua agressividade ao extremo. Essa carga de violência se instala na casa da família e produz sofrimento a todos eles, menos ao pai do menino.

Depois, o narrador diz que o menino “recebia as surras de olhos enxutos, carregados de ódio, o corpo apenas estremeando ao impacto de ferro em brasa da ponta do látigo veloz” (RAMOS, 1992, p. 273 e 274). É essa violência que causa sofrimento múltiplos ao menino, já

que, “no caso dos humanos, o sofrimento pode ser físico (natural), mental ou social” (COUTO, COUTO; BORGES, 2015, p. 142). Ademais, nesse excerto, o substantivo *olhos*, seguido do adjetivo *enxutos*, faz transparecer a figura de um jovem encorajado, cuja consciência e racionalidade não lhe permitem chorar. Aqui, estamos diante de um contraponto semântico, criando uma ambiência ambigua, sentidos antagônicos complementares, pois o sentido silêncio vai de um extremo ao outro para testemunhar a jornada do menino em fuga.

Ao empreender sua fuga, “carregando tudo o que pudera enfiar em seu pequeno bernal”, ao escolher a tarte “para desaparecer, em vez da madrugada” (RAMOS, 1992, p. 274), o clímax da narrativa é desenvolvido. Ao ver a estrada de ferro, o menino em fuga “ouvia o esticado apito do trem, no início de uma longa curva, pensou rapidamente em um meio de fazê-lo parar. Embarcaria, em breve, se distanciaria de vez daquele lugar” (RAMOS, 1992, p. 275). Via-se, portanto, liberto, e “começava, já, a mudar de hábitos, começava a sentir que vivia vida nova” (RAMOS, 1992, p. 275).

Nesse mesmo período, ao procurar por seu filho e não encontrá-lo, seu pai “abandonaria a busca por aquele dia” (RAMOS, 1992, p. 275). O substantivo *busca*, nessa passagem do conto, além da locução adverbial de tempo *por aquele dia*, lembra-nos um pai preocupado, sem notícias de seu filho, mas em constante procura. Essa figura, então, recupera o sentido da mitigação da culpa desse pai ao oportunizar o retorno daquele que deseja fugir, seu filho. Contudo, a carga semântica do verbo flexionado *abandonaria* traz à tona sua indiferença novamente, até porque esse pai “só tinha mãos para empunhar o chicote do castigo, para fazê-lo [o menino] sofrer pelo motivo mais tolo” (RAMOS, 1992, p. 275).

No desfecho da narrativa, percebemos que não há moralismo, nem culto às ideologias diversas, mas sim a defesa da vida, ao tornar o menino capaz de fugir de seu meio violento, das angústias, das dores e sofrimentos, ele passava a figurar aquele que foge, agente de suas ações, protagonista de sua história ao longo dos acontecimentos narrados. Relações desarmônicas implicam a falta de equilíbrio entre os ecossistemas natural, mental e social. Ao fugir, o menino lembra-nos de que o ser humano busca por equilíbrio, pois, sem este, as inter-relações ecossistêmicas são danosas à manutenção da vida. Por esse motivo, como analistas ecossistêmicos, ratificamos a ideia de fuga do menino, uma vez que, com ela, ele conseguirá reconfigurar suas relações com o seu novo meio, mesmo que, para isso, tenha que ir embora, viver em outro ambiente.

Todas as formas do silêncio estão condensadas no silêncio constitutivo (ORLANDI, 2003) porque apontam para o sentido da imposição, sendo, portanto, parte da violência do

conto. Como demonstrado, verbos, substantivos e adjetivos evidenciam o estado de disjunção do Sujeito menino com os outros Sujeitos daquele território, ou melhor, da casa da família, além de reiterar e fortalecer as relações desarmônicas presentes no texto-discurso, visto que “astúcia contra astúcia, paciência contra paciência; era o que diferenciava a caça de um animal irracional daquela em que ele representava a presa pretendida” (RAMOS, 1992, p. 274).

Ao tomar conhecimento de que Gilbert Durand sistematizou suas descobertas sobre as estruturas antropológicas do imaginário, sendo este biopsicossocial, cujas imagens simbólicas percorrem um trajeto antropológico, Couto e Fernandes (2021) acrescentam que a teoria de Durand “pode complementar a análise pela Linguística Ecológica e pela ADE”, pois essa teoria “complementa o que LE e ADE dizem sobre ecossistema mental” (2021, p. 50).

“O menino em fuga” (1992) é uma narrativa cujos elementos simbólicos convergem para as constelações de imagens do regime diurno, sem desconsiderar as imagens noturnas como um contraponto simbólico. Nessa direção, sublinhamos que “o esquema do retorno e o da fuga vão dar origem a todo um enxame de símbolos significativos das intenções escatológicas do conjunto místico em questão” (DURAND, 2002, p. 370). Para começar, lembramos que o menino em fuga era tratado como uma caça, um animal escondido, ameaçado. Ligada por isomorfismo aos símbolos e imagens teriomórficas, esta associação deve ser entendida de forma positiva, pois a animalização instala um ser animal “que agita, o que foge e que não podemos apanhar, mas é também o que devora, o que rói” (DURAND, 2002 p. 90).

Sobre isso, o narrador diz que “os animais não iriam até ele [o menino], tinha quase certeza, uma certeza medrosa, igual a todas as atitudes que assumira na vida” (RAMOS, 1992, p. 274). A presença dos animais remete aos símbolos teriomórficos, sendo estes representantes dos estados subjetivos do ser humano. A falta de especificidade de um ou outro animal na narrativa, por exemplo, além da escolha do substantivo comum “animais”, sugerem uma tentativa de eufemizar esses símbolos, construindo uma agitação teriomórfica sem muito espaço, talvez silenciada também, mas muito presente na narrativa.

Ainda sobre o excerto acima, agora em relação às atitudes das personagens, o substantivo *certeza*, seguido do adjetivo *medrosa*, perde suas propriedades semânticas para indicar um sentido contrário, ou seja, trata-se aqui de uma ideia antitética, uma antítese. Nessa construção linguística, a imagem do contraditório associa-se à agitação teriomórfica para indicar uma intencionalidade simbólica que acentua os dilemas que guiam a jornada do

menino em fuga. Contudo, ao mesmo, essa imagem simbólica nos faz entender que existe uma caminho para que o menino se afaste disso tudo: fugindo.

Na sequência, a figura reiterada do silêncio sinaliza grandes acontecimentos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). Para tanto, ao escolher “a tarde para desaparecer [...] porque assim teria a noite inteira para ganhar distância do lugar” (RAMOS, 1992, p. 274), o menino mobiliza a imagem de uma “noite escura, amedrontadora, mas jamais tão terrível quanto a cólera do pai” (RAMOS, 1992, p. 274). Tal imagem sintetiza o isomorfismo negativo da noite, contudo, no conto de Ramos, ela passa por um processo de eufemização quando comparada ao comportamento do pai do menino, já que “à noite é ligada à descida pela escada secreta, ao disfarce, à união amorosa, à cabeleira, às flores, à fonte, etc” (DURAND, 2002, p. 219).

Na jornada do menino, “as árvores eram muitas” (RAMOS, 1992, p. 275). Esse elemento simbólico, verticalizado, assim como para fugir é ir à luta, remete à estrutura sintética do imaginário, pois seu semantismo simbólico busca exorcizar a morte. “A árvore não sacrifica e não implica nenhuma ameaça, é ela que é sacrificada, sempre benfazeja mesmo quando serve para o suplício” (DURAND, 2002, p. 344). Essa imagem, na narrativa de Ramos, instala o sentido do arquétipo da verticalidade. Esse sentido está ancorado na propriedade das imagens simbólicas dialogarem com as árvores, animais, pessoas que dão sentido à imaginação.

No decorrer do conto, a mãe do menino representa uma mulher silenciado pelo marido, violentada constantemente por ele, como se vê no seu processo de figurativo: “no canto da sala, a mãe choramingava, sem coragem para enfrentar a brutalidade com os seus olhos já cansados de assistirem a cenas semelhantes” (RAMOS, 1992, p. 274). Essa descrição instaura uma figura feminina submissa às vontades de um homem violento, sendo uma mãe “sem vontade, chorosa, fraca” (RAMOS, 1992, p. 274), além de nunca ter se dirigido ao filho com “uma palavra meiga para compensá-lo de tudo o que sofria com o tirano” (RAMOS, 1992, p. 275), seu pai.

Como demonstrado, as figuras descritas ao longo da análise interagem com a produção simbólica do conto. Em relação ao pai do menino, por exemplo, elas despertam a imaginação da crueldade, do homem mau, do pai opressor, especialmente em relação às imagens ligadas à agressividade, que buscam deslegitimar a presença do menino no seio familiar. Essas imagens, cuja força simbólica é nótável, têm ao seu redor a constelação de imagens de autoridade, de vilania, de maldade, de brutalidade.

Portanto, o conjunto de imagens simbólicas deixa entrever um imaginário da violência. Compreendemos, pois, que a figura do menino projeta uma constelação de imagens simbólicas que refletem o isomorfismo das imagens do esquema ascensional, ou melhor, daquele que busca por heroísmo. Ou seja, essas imagens simbólicas diurnas (re)cobrem e intensificam a sagacidade do menino. Por conseguinte, esse imaginário estabelece um contraponto semântico entre imagens solares e noturnas, além de provocar, no ambiente ficcional do conto, um impacto positivo, tornando o menino competente para fugir.

Considerações finais

Retomamos a pergunta que norteou as discussões deste trabalho: até que ponto as personagens sofrem com o silêncio constitutivo de suas inter-relações ecossistêmicas? Após as análises do conto “O menino em fuga”, de Anatole Ramos (1992), pelas vias da Análise do Discurso Ecológico, compreendemos que o silêncio imposto às personagens gera dor e sofrimento a elas, pois esses dois sentimentos “são defesas que os seres vivos têm contra a mutilação dos próprios corpos” (FERNANDES, 2021, p. 47), mentes e ecossistemas. Entendendo dessa forma, não podemos nos esquecer de que o sofrimento retratado do conto é evitável. Por isso, em consonância com a ideologia da vida, buscar ratificar o lugar do menino em fuga, descrevendo e analisando sua jornada.

Ademais, ao saber que “a manifestação prototípica da dor é a dor física” (FERNANDES, 2021, p. 46), no conto analisado, ela é causada por surras e agressões marcadas no corpo do menino, além do silêncio imperativo tão presente na narrativa. Ou seja, estamos diante da resposta à pergunta que abre esta seção: o ponto da dor. Sob a perspectiva da ADE, somos convencidos de que,

Na relação com o seu meio ambiente, os seres vivos precisam reconhecer o que lhes é favorável, indiferente ou perigoso. Como todos eles estão sempre à procura da própria autorrealização, provavelmente a primeira sensação que têm é a de medo do que pode pôr em risco a própria integridade, do que pode provocar dor, sofrimento (FERNANDES, 2021, p. 51).

Ao aplicarmos a categoria de análise “ecossistema”, fomos redimensionados para tudo aquilo que tem relação com a vida, pois ele é parte da Ecologia, que é parte da Biologia, a ciência da vida; seus aspectos biológicos, psíquicos e sociais foram imbricados para analisarmos holisticamente a trama da narrativa. Daí, nossos achados possibilitaram a

descoberta de que os meios ambientes natural e mental, no conto de Ramos, estão em constante desequilíbrio, dadas as inter-intra-relações que estabelecem no interior de cada ecossistema. Como parte de um ecossistema social fragilizado, desarmônico e violento, só restou ao menino fugir, evitando ainda mais sofrimento a si mesmo.

Com a categoria “interação ou inter-relações (intraespecíficas ou interespecíficas)” ecossistêmicas, as inter-relações se mostraram conflituosas, gerando um inferno familiar. Com isso, a homeostase desse ecossistema ficou comprometida. Então, a partir da categoria “harmonia (e desarmonia)”, podemos classificar as relações como desarmônicas, pois se configuram como um perigo à continuidade da vida. Em contrapartida, o conto de Ramos não deixa de tratar da defesa da vida, pois, ao fugir, o menino objetiva continuar existindo, vivendo, como pressuposto pela Ecologia Profunda, já mencionado anteriormente.

Por meio da categoria “as formas do silêncio”, fundamentados em Orlandi (2002), entendemos que o silêncio no conto de Ramos é, de fato, constitutivo da violência presente ao longo da narrativa, uma vez que é imposto, autoritário e provoca a deslegitimação do outro. No decorrer da análise, foram encontrados tipos diferentes de silêncio, mas que nos permitiram agrupá-los e inseri-los na classe do “silêncio constitutivo” por meio das ações do pai do menino. Ao lado desse silêncio específico, o silêncio da palavra é o mais significativo, segundo Orlandi (2002).

Por outra perspectiva, ao empreender sua fuga, uma constelação de imagens simbólicas guia a jornada do menino. Assim, apoiados na teoria do imaginário de Gilbert Durand (2002), considerando as figuras (substantivos e verbos) do texto-discurso, ratificamos que a função da imaginação é capaz de equilibrar os impulsos biopsicossociais quando o menino transforma sua posição de vítima indefesa à protagonista de seu destino, herói de suas ações, como o verbo *fugir* sugere. Para tanto, o sol e o dia abrem passagem para noite e a lua, complementando-se para o sucesso de sua fuga, à luz da lua, com a força do sol.

Referências

- BRAIT, B. Língua e literatura: saber com sabor. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, 2010, p. 724-735.
- Brito, Adriano N. de. *Nomes próprios: semântica e ontologia*. Brasília: UnB, 2003.
- CAPRA, F. *O tao da física*. São Paulo: Editora Cutrix, 2002.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Edição Revista - 34 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- COUTO, Elza K. N. N. Do; FERNANDES, Eliane M. da F. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em

- Linguística/Universidade de Brasília, 2021.
- COUTO, H. H. do. Linguística Ecológica. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, 2015, p. 47–81.
- COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do Discurso ecológica – ADE*. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FERNANDES, Ubirajara Moreira. Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na Análise do Discurso Ecológica. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, 2021, p. 46–53.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da Enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2010.
- GOTLIB, N. B. *A teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1999.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso - Princípios e Procedimentos*. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio*. 5ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 2002a.
- PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.
- RAMOS, Anatole. O menino em fuga. In: DENÓFRIO, Darcy França. & SILVA, Vera Maria Tietzmann. (Orgs.). *Antologia do conto goiano I: dos anos dez aos sessenta. Goiânia*. Centro Editorial e Gráfico da UFG, 1992.
- REIS, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Edições Almeida, 2018.
- SILVA, A. N. da. A visão ecológica de mundo aplicada ao jogo eletrônico Don't starve together. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, 2016, p. 91–101.
- SILVA, S.; COUTO, E. Para uma metodologia própria para a Ecolinguística e a ADE. *Via Litterae: Revista De Linguística E Teoria Literária*, Anápolis, 2015, p. 143-155.
- STRÔNGOLI, Maria Tereza de Queiroz Guimarães. *Desvendando as imagens, a imaginação e o imaginário na narrativa*. Revista de Educação Pública. Cuiabá, v. 3, n. 4, pp. 258-276, jul.-dez. 1994.

Recebido em 18 de janeiro de 2022.

Aceito em 03 de outubro de 2022.